

Homenagem a Lourenço Diaféria

Alocução de Sergio Gomes em homenagem a Lourenço Diaféria por ocasião da cerimônia do 32º Prêmio Jornalístico Vladimir Herzog, em 25 de outubro de 2010, no Teatro da Universidade Católica.



Foto: Bruno Mooca

Há 2 anos e meio, a Comissão Organizadora do 30º Prêmio Vladimir Herzog havia decidido homenagear o **Lourenço Diaféria** mas ele faleceu no dia 16 de setembro de 2008. A homenagem, no entanto, confirmou-se, agora *in memoriam*.

Na época, eu representava a ABI por delegação de **Audálio Dantas** e seus colegas de direção da Representação Paulista. Por uma série de desencontros, aquele gesto de reconhecimento acabou por não ocorrer na data prevista.

Ano passado, foi o próprio **Audálio Dantas** o homenageado. E eu tive a honra de fazer a alocução em nome do recém fundado **Instituto Vladimir Herzog** do qual sou conselheiro. Hoje, temos o **David Moraes** e o **Lourenço**.

E cá estou de novo, agora para tratar do **Diaféria**. Tenho apenas 5 minutos para exercer essa honra. Não falarei aos velhos jornalistas porque esses sabem muito bem quem foi o mais completo cronista de São Paulo. Lembram-se dos seus textos preciosos e da pessoa amável, direta, reflexiva e exigente. Não era egoísta, nem generoso. Procurava ser justo, sempre.

Não me dirijo aos jornalistas que já estão no batente há tempos, a turma com mais de 40, os que enfrentam o dia-a-dia das redações, responsáveis por cargos de mando e capazes de emplacar suas próprias pautas. Esses sabem (ou lembram) dos episódios que envolveram a vida do **Lourenço** no final da década de 70.

Esses, se quiserem, através das facilidades que nos permitem hoje as novas tecnologias baseadas na internet, serão capazes de produzir matérias de referência sobre quem foi, o que fez e qual o significado da vida desta pessoa que ajudou a construir a alma da cidade de São Paulo - a cidade dos mil povos!

Quero me dirigir aos jovens, aos Repórteres e Cronistas do Futuro. Aos que ainda não sabem por onde começar. Por isso, para ficar no limite dos meus 300 segundos, peço que distribuam essas 2 folhas.

Uma reproduz a crônica **Herói. Morto. Nós.** que o levou à prisão em setembro de 1977, demissão da Folha de São Paulo em janeiro de 1978 e a um longo processo pela Lei de Segurança Nacional da época.

A outra, **O menino do Dedo Roxo**, crônica que remete ao sofrimento do povo quando, na década de 90, precisava ter acesso aos serviços de saúde, aqui em São Paulo,

Devo registrar para os mais jovens que o SUS - Sistema Único de Saúde – foi criado há 22 anos, como corolário dos direitos consagrados na Constituição de 88, mas que a cidade de São Paulo só aderiu ao modelo uma década depois do resto do Brasil.

Não é arbitrária, portanto, a divulgação dessa crônica no dia de hoje. É que ela remete ao tema da categoria ESPECIAL do **Prêmio Vladimir Herzog** deste ano: **Saúde como Direito do Cidadão.**

E aqui apresento um mini-mini *curriculum* do **Lourenço**, preparado carinhosamente pela equipe do **Projeto Repórter do Futuro** e que teve a ventura de contar com ele como integrante do seu Conselho de Orientação Profissional.

Lourenço Carlos Diaféria nasceu no Brás, em São Paulo, em 28 de agosto de 1933. Contista, cronista e autor de histórias infantis, o jornalista iniciou sua carreira em 1956 na Folha da Manhã, como preparador de matérias. Em 1964 escreveu sua primeira crônica assinada. Ficou na Folha até 1977, ano em que foi preso e processado com base na Lei de Segurança Nacional pela autoria da crônica "Herói. Morto. Nós", considerada ofensiva às Forças Armadas. A crônica comentava o heroísmo do sargento Silvio Delmar Hollembach, que pulou em um poço de ariranhas no zoológico de Brasília para salvar um menino. A criança se salvou, mas o militar morreu, vencido pela voracidade dos animais. A crônica também citava o Duque de Caxias, patrono do Exército Brasileiro, lembrando o estado de abandono de sua estátua no centro de São Paulo. O processo durou cerca de três anos e terminou com a absolvição do cronista. Diaféria também colaborou com o "Jornal da Tarde", "Diário Popular", "Diário do Grande ABC", além de ter escrito para as rádios Excelsior, Gazeta, Record, Bandeirantes e para a TV Globo. Cronista por excelência, Diaféria defendia a crônica como uma atividade sistemática e ligada ao jornal, à revista, à imprensa, seja diária, semanal, mensal. Faleceu em 16 de setembro de 2008 deixando editadas obras ímpares como:

- *Um gato na terra do tamborim (1976)*
- *Circo dos cavalões (1978)*
- *A morte sem colete (1983)*
- *O Empinador de Estrela (1984)*
- *A longa busca da comodidade (1988)*
- *O invisível cavalo voador – Falas contemporâneas (1990)*
- *Papéis íntimos de um ex-boy assumido (1994)*
- *O imitador de gato (2000)*
- *Brás – sotaques e desmemórias (2002)*
- *Mesmo a Noite Sem Luar Tem Lua (2008)*

Deixou viúva Geiza, sua companheira de sempre, os filhos Mauro, Cecília, Cláudio, Celina e Fábio, as noras Joana e Ana Elisa, e os netos Miguel, Julia e Lucio.

Por último, uma frase do saudoso **Miro**, responsável ao longo de 50 anos pelo extinto restaurante **Parreirinha** - que o nosso homenageado frequentava com alguma regularidade:

- “O Diaféria prefere aquela mesa , lá no fundão, Vem com a Geiza, os filhos e fica sempre de costas. O Lourenço fica de costas mas enxerga tudo.”

Nós todos – velhos, maduros, garotões e garotonas – precisamos aprender como é que se faz isso. Aqui, talvez, esteja o pulo do gato do Lourenço: ver e olhar primeiro com o coração; depois, convocar a razão e, por fim, exercer o duro ofício do marceneiro que precisa de ciência, paciência e persistência para entregar a sua peça com todos os detalhes, e os talhes dos detalhes.